

O dr. Afonso Costa afirmou

que na alma do dr. Alves Ferreira (chamado agora pelo governo para esclarecer o caso do Ángola e Metrópole) não há senão servilismo perante os maus, e que no seu cérebro, em vez de espírito de justiça, não há senão perseguição, crudade, insensibilidade à dor, desrespeito pelos laços de família e insolência para com os fracos e humildes

A Batalha prossegue na sua campanha contra as imoralidades da alta finança e contra os que, abusando do seu poderio, pretendem protegê-la. Mas antes de entrar no assunto que interessa aos leitores deste jornal, somos forçados a fazer uma referência tão breve quanto possível ao conflito que à margem da nossa campanha se levantou entre o director da Batalha e o administrador delegado do Século. Como se sabe, o sr. Pereira da Rosa veiu ameaçar o director deste jornal de meter-lhe seis balas na cabeça, caso não se retratasse, no prazo de quarenta oito horas dumas referências que neste local lhes fizemos. A Batalha não se retratou, nem se retrata, e o seu director dispôs-se serenamente a aguardar que as quarenta e oito horas decorressem. Durante este prazo, em que nós nos limitámos a esperar, vários factos se sucederam que modificaram a situação criada.

No sábado último, o director da Batalha foi chamado ao gabinete do sr. Barbosa Viana, da Segurança do Estado, no ministério do Interior. Perguntou-lhe o aludido funcionário da polícia se não pretendia apresentar uma queixa contra o sr. Pereira da Rosa para que ele desse conta, das suas ameaças. O director da Batalha declarou categoricamente que não só não desejava apresentar qualquer queixa, como tampouco admitia que a polícia o guardasse. A polícia, ao que parece, é que não desistiu de proceder contra o sr. Pereira da Rosa.

Foi este também chamado à polícia a fim de prestar declarações, onde, segundo o Diário de Notícias, afirmou que preferiria aquelas ameaças «num momento de exaltação». Mas o Século, de ontem, desmentiu, dizendo que não, que não fôr assim, que o que se passava no governo civil «foi muito diferente», mas nada explicou.

Firmado pelo punho do próprio sr. Rosa, surgiu no Século, de domingo, antes de faltar o prazo fatal, um artigo mal feito, onde se diz, em resumo, que já não haveria tiros... porque teria de matar seis pessoas e ele, muito generoso, queria apenas apanhar o emboscado que estava atrás dos amigos da Batalha.

Ora, o emboscado é uma linda figura imaginária que o sr. Rosa inventou para furtar-se às responsabilidades dramáticas, mesmo catastróficas que criaria quando viera à Batalha.

E como não vale a pena perder tempo com tão ruins viventes, deixamos aos leitores a tarefa de apreciar o feitio moral do sr. Pereira da Rosa e, como nas assembleias gerais, passamos à ordem do dia...

Já revelámos no nosso número de anteontem algumas passa-

gens curiosas do «dossier» que possuímos da vida do ilustre juiz que neste momento substitui o dr. Pinto de Magalhães nas investigações do caso Ángola e Metrópole. Segundo informou ontem um jornal da tarde, o dr. Alves Ferreira vai processar a Batalha por ter publicado tão interessantes pormenores da sua vida. Não compreendemos a má vontade daquele magistrado contra um jornal que está disposto a prestar homenagem às suas qualidades de carácter, à sua competência jurídica, à sua inteligência luminosa, ao seu belo espírito iluminado — por modestas velas de sebo. Não compreendemos a má vontade. A publicação dos factos sucedidos no Banco de Seguros obedeceu à intenção louvável de elucidar o público acerca das qualidades morais que ornam a consciência do magistrado que, num simples golpe de vista, descobriu que o plano tenebroso das notas de «Vasco da Gama» fôr urdido pelos bolchevistas.

Ora, o dr. Alves Ferreira não alimenta a menor suspeita sóbre o Banco de Portugal. Alves Ferreira, além de tudo mais, é um patriota fixe, muito fixe. Ele não quer fomejar o descredito do país... Deixa o Banco de Portugal em paz.

Que lhe importa que na correspondência secreta do Banco, em que se encomendam as notas à casa Waterlow, figure o nome do sr. Inocéncio Camacho, se Camacho é por sua própria natureza... Inocéncio?

Que lhe importa que os peritos ingleses afirmem que a assinatura de Inocéncio é verdadeira? Que lhe importam ainda as contradições e incoerências do Inocéncio? É preciso salvar o crédito do país — para salvá-lo que se salven os grandes falsários. E a missão do sr. Alves Ferreira — patriótica missão! — é salvar todas as criaturas suspeitas que se achavam à sombra do desacreditado crédito dum Banco, cuja administração defrauda o país, vicia as suas contas, permite desfalques, e traz em circulação cento e trinta mil contos de notas cuja emissão não foi autorizada pelo parlamento. Patrioticamente o dr. Alves Ferreira não vê o Banco de Portugal, mas vê à Rússia, a grande, a enorme Rússia, que se lhe mete pelos olhos dentro, mesmo sem velas de sebo...

Mais dados biográficos de grande importância

Mas a-pesar-da modestia do sr. Alves Ferreira se ter sentido ferido com o relato fai de factos — que tão bem o colocam perante a opinião pública — nós não desistimos de continuar fo-

lheando o nosso «dossier» que contém a sua biografia. Não desistimos. Somos teimosos. O sr. Alves Ferreira, modestamente, nobremente, processa-nos por cometermos o crime de elogiar-lo? Não importa. Nós cumprimos o nosso dever.

Em 1908, o dr. Afonso Costa, em nome do Partido Republicano Português, traçou-lhe no Parlamento o perfil moral. É conveniente recordar esse discurso, que decreto tem, neste momento, uma oportunidade incontestável. Passamos a reproduzir a passagem que se refere à ilustra criatura em questão.

«Pela saída do sr. dr. Veiga do Juizo de instrução criminal, para ali, pela mão do ditador, o sr. Alves Ferreira, também juiz.

Este funcionário encarnou-se absolutamente na vontade do seu senhor, o ministro do reino do tempo. E com os seus atropelos e violências, com os seus abusos e crimes, ligou as suas responsabilidades, não só à ditadura de sangue, de guerra civil, de mortícinos, deportações e exílios, como aos próprios actos trágicos de Janeiro e Fevereiro, à própria morte do rei e de seu filho, a êses actos de horrível desespere, que, sem ele e sem os outros cooperadores, o ditador nunca poderia ter provocado por si só.

Sim, eu revolto-me, sr. Presidente, contra os actos públicos desse indivíduo, sem o qual não teria ido tão longe a ditadura sinistra. E eu sei, eu sei, que ele exercia as suas funções por forma tão censurável e depremente, que decreto não se encontraria outrem capaz de tanto. As ordens chegavam-lhe imperiosamente aos ouvidos pelo telefone, às vezes misturadas com injúrias e investidas. E ele tudo aceitava e tudo cumpria, submisso, regalado de colaborar em obra tão reacionária e sinistra, preparando já as pronunciadas a que se referia o decreto de 31 de Janeiro, e antecipando a alegria que o seu amo e senhor ia ter quando levantasse ferro o vapor com a primeira leva de desterrados!

Ah! sr. Presidente, se nesse país houvesse ainda, ao menos, um resto de respeito pelos protestos da opinião pública, não ninguém ousaria lastimar que esse indivíduo não continuasse a ser juiz de instrução criminal, mas ele próprio não ousaria subir mais a uma cadeira de juiz, em qualquer comarca.

Com que, cara vai ele apresentar-se perante os cidadãos a quem tem de administrar justiça e que lhe confiam a sua fortuna, a sua honra, a sua liberdade e a sua vida, depois de ter

dado tantos testemunhos do seu desprezo pela lei, pela verdade, pelas mais elementares garantias civicas e liberais, e ao povo simples deveres de humanidade, depois de ter demonstrado que na sua alma não há senão servilismo perante os maus, e que no seu cérebro, em vez de espírito de justiça, não há senão perseguição, crudade, insensibilidade à dor, desrespeito pelos laços de família e insolência para com os fracos e humildes?

Relativamente a este funcionário, o que em lastimo, sr. Presidente, é que o sr. ministro do reino, há dias, na câmara dos pares, não pôde declarar que o demitia por sua livre vontade, em nome da moral e da justiça, com muita honra e com um legítimo orgulho. Era com efeito assim que ele devia ter saído do lugar, mandando-lhe o sr. Presidente do conselho a demissão por um continuo, logo que soube dos abusos por ele praticados.

Assim, falava o sr. dr. Afonso Costa...

O juiz servil vai servir para tu

Que se deprende do discurso do dr. Afonso Costa, a voz do Partido Republicano Português no parlamento, no tempo do qual se moldava a vontade do governo para praticar as maiores violências e injustiças.

O dr. Alves Ferreira é chamado agora pelo sr. António Maria da Silva, chefe do governo e do partido que se diz herdeiro das tradições do velho Partido Republicano Português.

O homem capaz de praticar as maiores injustiças, por falta de energia, de independência e de brio, foi escolhido por aqueles que o conhecem a fundo — para fazer «justiça» neste caso do Angola e Metrópole.

No momento em que a opinião pública alarmada já aponta a dedos os cabecilhas da falcatrua, no momento em que sobre o Banco de Portugal recaem, não só em Portugal como no estrangeiro, as suspeitas mais fortes e rasavelas, chama-se para proceder às investigações um homem em cuja alma não há senão servilismo perante os maus... e insolência para com os fracos e humildes.

Acertada foi a escolha de António Maria da Silva. Encontrou a criatura capaz de, com os seus «planos tenebrosos de Moscova», salvar os grandes criminosos que, com factos e números, foram acuados de falsários e ladrões.

A Guiné e o forte de Monsanto convertidos em cemitérios

Ao passo que se movem influências exasperadas para salvar os autores da emissão de 300.000 contos de notas do Banco de Portugal, a sociedade que gerou esta fabulosa burla continua mantendo, acerca do crime das deportações, um silêncio que nos inquieta e nos revoltam. Inquietos-nos porque a Guiné é uma terra cúmplice das intenções de Vitorino Godinho: cúmplice natural devido ao seu clima mortífero. Revolta-nos porque, ainda, os autores desta bárbara ilegalidade persistem em supor que a sociedade burguesa é segura, tranquila só pelo facto de se ter arremessado, para uma colónia distante, um punhado de indivíduos sóbre quem legalmente não recaiu uma única acusação e que não está, juridicamente, cumprindo uma penalidade.

Dessa inquietação é dessa revolta compartilham a classe operária e um núcleo importante de homens a quem esta sociedade ainda não conseguiu transmitir seus crupulosos processos. Que essa inquietação não é pura afinal estão a afirmá-lo os deportados que a Guiné já assassinou. Que essa revolta não é uma fantasia, ai estão a atestá-lo os protestos colectivos do proletariado, o último dos quais foi a manifestação realizada junto do governo e do parlamento, que teve como única resposta concreta as patas dos cavalos da G. N. R., e os sabres da polícia. Sobre a maneira como são recebidos pelos poderes públicos aqueles que reclamam apenas que a lei seja cumprida ainda podem depor que foram agredidos nas imediações de São Bento, alguns dos quais estiveram em tratamento no hospital de São José.

As violências para com os que foram deportados tornaram-se extensivas aqueles que protestam contra as deportações. O crime nem sequer pôde ter até hoje nem liberdade de discussão — a proibição sucessiva de conferências e sessões o confirma — nem liberdade de protesto visto que têm sido proibidas as manifestações, por mais integradas que elas sejam nas garantias dadas pela constituição, contra as quais nenhum poder legal pode atentar; a não ser que se considere poder legal o capricho das autoridades e a ferocidade da corporação que o sr. Ferreira do Amaral ainda comanda.

De modo que a situação permanece inalteravelmente a mesma.

Os deportados pelo governo de Vitorino Guimarães continuaram na Guiné durante o governo Domingos Pereira, a-pesar-da promessa feita em contrário, e nenhuma razão há para se esperar que na actual situação política eles regressem à metrópole. E esta nossa declaração não é feita por meras suposições, pois que António Maria que tem na classe operária uma triste celebridade, conquistada em sucessivas perseguições, mantém sóbre os deportados um silêncio que comprova ele considerar a Guiné um excelente cemitério, e considerar as deportações uma medida indispensável a uma sociedade que falsifica a sua própria moeda.

A de todos os abusos do poder cometidos desde 1910 para cá nenhum foi tão iníquo, nem tão cruel. E nenhum foi até hoje tão unanimemente repelido pela consciência colectiva do país.

A opinião pública, mas uma opinião pública verdadeira, constituida pela quasi totalidade da população, já manifestou a sua repulsa pelo partido — o partido democrático — que imitou e excede João Franco, por resolução dum homem que só temido por norma viver do dinheiro que sai dos nossos bolsos, com o pretexto inaceitável de exercer uns cargos para os quais não dá competência porque não a tem, nem dá trabalho, porque elas foram inventados para a parasitagem dos que se instalaram no orçamento do Estado.

Essa opinião pública é estranha ainda que, no momento em que se procura salvar os que roubam à margem das próprias leis burguesas, ainda haja quem se arrogue à audácia de condenar à morte homens que foram ilegalmente presos e estão ilegalmente deportados.

O forte de Monsanto recebeu os que estiveram ilegalmente presos nas esquadras de polícia, cerca de 7 meses. Esses homens sofreram nos calabouços policiais espancamentos brutais e contraíram, devendo às péssimas condições dos cacos em que os encalharam, cacos onde o sol não entra e o ar era viciado, doenças que não podem ser curadas nos cárceis. Se, porventura, o seu julgamento não for marcado para breve, os presos a quem o encarceramento mais debilitou e torturou não sairão de Monsanto com vida. Ao cemitério da Guiné virá juntar-se o cemitério

de Monsanto. E nós que conhecemos, por experiência, a maneira como se tratam os operários numa sociedade que vive à custa d'elles sentimos que nos assiste razão para protestarmos contra um novo crime que se premedita. Alegou-se que houve necessidade de fazer deportações com o fundamento de que elas não podiam ser julgados na Metrópole. Amanhã, com o mesmo círculo virá dizer-se que os presos que se eternizam em Monsanto porque os tribunais não têm tempo de se ocupar deles.

Let o Suplemento de A BATALHA

Notas & Comentários

O plano bolchevista

O plano bolchevista que o dr. Alves Ferreira descobriu à luz hesitante e tremula da sua velha de sebo tem divertido imenso o público. O órgão das «forças vivas» pegou-lhe. Ele ainda tão desanimado que não teve outro remédio sendo apegar-se ao plano bolchevista, como um nadir a um mar de. E, para ele, a prova de que realmente os bolchevistas é que fabricaram as notas falsas que o Banco de Portugal em comendou está no facto do dr. Nuno Simões — que é camarada... — nunca ter sido atacado pela Batalha. Ora o dr. Nuno Simões tem sido dos políticos mais atacados por nós. Que nunca fizemos, e é por isso que O Século se zanga, foi fazer coto com as campanhas de intuito inconfessáveis dos homens das forças vivas.

A ratoteca

O Banco de Portugal serviu-se dum expediente que está, de resto, em perfeito acordo com os seus conhecidos processos desonestos. Consistiu esse expediente em marcar um prazo curto para a troca de notas de 500 escudos, dando como resultado que em África e em França ficaram muitas pessoas impossibilitadas de desfazer-se dumas notas que a fantasia do Banco de Portugal resolveu deixar de recolher.

Essa atitude do Banco é indigna e tem de ser modificada sem demora. Desde que resolveu trocar as notas, tem de cumprir até ao fim a sua decisão, tem de trocar todas as que lhe aparecerem que são todas as que a casa Waterlow fabricou a seu pedido.

Um amigo...

O nosso jornal não tem uma secção eletrizante que assimile as partidas e chegaras das pessoas sois-dizentes ilustres. Abrimos hoje, contudo, uma exceção aos nossos hábitos para dizer que chega hoje a Lisboa, vindo da Marinha Grande, o sr. Joaquim de Oliveira, com o propósito de conseguir que a Batalha seja querelada.

Descândalo Ángola e Metrópole

Como já foi anunciado, realiza-se na próxima quinta feira, às 21 horas, uma sessão de protesto e elucidação do proletariado sobre a grande burla da plutocracia política financeira, em que fará uso da palavra o nosso camarada Mario Domingues.

Esta sessão é promovida pelo Sindicato dos Impresários Tipográficos e realiza-se na calçada do Combro, 38-A, 2º.

de Monsantos. E nós que conhecemos, por experiência, a maneira como se tratam os operários numa sociedade que vive à custa d'elles sentimos que nos assiste razão para protestarmos contra um novo crime que se premedita. Alegou-se que houve necessidade de fazer deportações com o fundamento de que elas não podiam ser julgados na Metrópole. Amanhã, com o mesmo círculo virá dizer-se que os presos que se eternizam em Monsanto porque os tribunais não têm tempo de se ocupar deles.

Os prefeitos tem a faculdade de suprimir qualquer jornal para segurança pública. Mas os prefeitos raras vezes usam da faculdade [legal]; toda a imprensa canta louvores ao formidável restaurador da Itália e aponha os inimigos da pátria — os emigrados — que se acoitam no estrangeiro. Mussolini não quer conversar apenas com os ministros dos negócios estrangeiros, em cada país, quer também discutir com os ministros de negócios nacionais (interior),

Mussolini, senhor da Itália e do mundo

Depois de ter dominado as cidades italianas, ele sonha jugular as nações do globo

PARIS, 6 de dezembro.— A dominação fascista procura alargar-se até ilhares das nações discordantes. A actual fórmula, incontestável, da vida italiana é o acatamento rigoroso de quanto seja determinado por Mussolini e seu bando.

Os fascistas impõem o seu dogma, por toda a forma a sua vontade. Nem um único homem que pense de forma diferente. Nem um só jornal que não defende a política dos ditadores. Nem um só desenho que não desenhe a forma que pense de forma diferente. Nem um só jornal que não defende a política dos ditadores. Nem um só desenho que não desenhe a forma que pense de forma diferente. Nem um só jornal que não defende a política dos ditadores. Nem um só desenho que não desenhe a forma que pense de forma diferente. Nem um só jornal que não defende a política dos dit

A Conferência Inter-sindical do Pôrto decorre no meio de grande entusiasmo

Foi aprovada, em princípio, a criação dum órgão na imprensa da futura C. S. T.

PORTO, 10.

Eram aproximadamente 21,30 horas, quando o secretário geral da União dos Sindicatos Operários denunciou ao princípio aos trabalhos preparatórios da Conferência Inter-sindical do Pôrto. Em breves, mas incisivas palavras, enaltece a necessidade que se fazia sentir dum magna reunião da organização local, a fim de que ela se robusteça e se aperfeioasse, e termina por incitar a que todos os delegados e militantes presentes se comportem com aquela serenidade que deve ser apanágio de todos aqueles que sinceramente anseiam por um mundo de belezas morais e sociais — sem que isto signifique, contudo, que se não discutam os trabalhos com paixão e eloquência.

Convidando para secretariar os camarares Francisco Ferrão e Vaz Osório, da comissão organizadora da Conferência, procede à nomeação da comissão revisora de mandatos, que fica constituída pelos seguintes camaradas: Júlio de Campos, Joaquim Meireles e Ribeiro Dias — apesar da sessão é suspensa.

Reaberta a sessão, Joaquim Meireles lê o respectivo parecer da comissão revisora, segundo o qual se verifica estarem representados os seguintes organismos: Sindicatos Únicos dos Metalúrgicos, Calçado, Couros e Peles, Construção Civil, Mobiliário e Têxtil; Ligas das Artes Gráficas e da Viação Portuense; Associação de Classe dos Barberos, dos Jardineiros, dos Corticeiros do Pôrto e Gaia, dos Vidreiros, dos Chaufeurs, dos Litógrafos, dos Taneiros do Pôrto e Gaia, Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Pôrto e Gaia, Marítimos da Foz do Douro, Manipuladores de Pão e Artistas Confiteiros; União dos Empregados no Comércio, Metalúrgicos de Gaia e Moços de Frete.

Também estavam representados o Conselho Jurídico, a Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores, o jornal *A Batalha* e as Juventudes Sindicalistas do Pôrto, para cujos representantes o parecer alvitra que se lhes dé voto consultivo.

O mesmo parecer acreita, citando os respectivos nomes, 75 militantes apontados pelos diferentes organismos, os quais, juntos aos 53 delegados diretos dos 21 sindicatos representados, perfazem uma totalidade de 128 delegados. A Comissão revisora, porém, propõe que os 75 militantes tenham apenas voto consultivo.

Na discussão do parecer intervieram Joaquim Meireles, José Reboredo, Joaquim dos Carmo, Manuel dos Santos Falcão, Alves Pereira, Júlio de Campos, Francisco Ferrão, Inácio Martins, Vaz Osório, António Teixeira, Santos Carvalho, Aníbal Dantas, etc.

Foram lidas saudações das Federações do Livro e do Jornal e da Construção Civil (secção do Norte).

Constituída definitivamente a Conferência com a aprovação do parecer, é nomeada a nova mesa, assim composta: António Alves Pereira, presidente; e secretários, José Rodrigues Reboredo e Joaquim Paiva.

E' aprovada uma moção de protesto contra as deportações

A Comissão Administrativa da União dos Sindicatos Operários envia para a mesa uma moção de protesto contra as deportações, que conclui nestes termos:

«A Conferência Inter-sindical, ao iniciar os seus trabalhos afirma a sua solidariedade aos operários deportados para as plângias africanas, bem como aos ferroviários de Moçambique também deportados para a metrópole.

De igual modo presta a sua solidariedade aos operários enclausurados nos infestos calabouços desse regime despótico, protestando contra todas as iniquidades cometidas contra os trabalhadores, iniquidades, aliás, só próprias dum Mussolini ou Hitler, mas em contraposição com as afirmações de liberalismo feitas outrora pelos cidadãos republicanos.

Aprovado, por unanimidade, este documento, entra em discussão o regulamento da Conferência, propondo José R. Reboredo que as Juventudes tomem parte nos trabalhos, o que é aprovado por uma salva de palmas por proposta de Aníbal Dantas.

O n.º 2 do regulamento sofre um largo debate por parte de alguns conferencistas, divergindo o critério quanto ao voto deliberativo ou consultivo a conceder aos delegados que não estão nomeados para a future Câmara Sindical, embora anteriormente fôssem indicados para, directamente, assistirem à Conferência.

Entre os alvitres figuram dois documentos de Adolfo de Freitas e Aníbal Dantas, respectivamente assim concebidos:

«Considerando que estão presentes à Conferência Inter-sindical, delegados directos dos sindicatos e ainda os delegados posteriormente nomeados para a U. S. O., que o mesmo é dizer C. S. T., proponho que estes tenham voto deliberativo e os militares propriamente ditos voto consultivo».

«Considerando que há sindicatos que mandaram delegados a esta Conferência, mas que não vêm como delegados a próxima Câmara Sindical — proponho para que os mesmos tenham voto deliberativo caso não hajam delegados e não atinjam mais do que o número de 3».

Após uma prolongada e monótona discussão em que tomam parte Vieira Alves, Inácio Lúis, Inácio Martins, Joaquim dos Carmo, Francisco Ferrão, etc., é aprovado o n.º 2 e § único do regulamento, sendo regeido, em votação nominal, por 12 contra 8, o documento de Adolfo de Freitas.

Aprovado o restante regulamento, passa-se à nomeação da comissão de pareceres, que fica constituída pelos camaradas: João Timóteo, Aníbal Dantas, Miguel Moreira, Felisberto de Barros e Fernando de Oliveira Barros.

A seguir, é lido e aprovado o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência — sendo a sessão suspensa, devido ao adiantado da hora.

Perto das 15 horas de domingo, reabre a sessão sob a presidência de João Timóteo, em consequência do presidente da vespresa não se achá presente, faltou antecipadamente justificada.

Comunicada a presença do delegado da Confederação Geral do Trabalho, Manuel Joaquim de Sousa, é recebido com uma salva de palmas. Fazendo uso da palavra, principia por explicar o motivo que o impediu de assistir à primeira sessão da Conferência, razões plausíveis com que a assembleia concorda plenamente. Faz depois interessantes considerações de ordem o gani-

zativa e doutrinária, que a Conferência esculpe com atenção.

E lido um ofício das Juventudes Sindicistas de Gaia, saudando a Conferência e acreditando seu representante o camarada Alvaro Oliveira — resolvendo-se adaptar para as Juventudes do vizinho concelho o mesmo critério usado para com as Juventudes do Pôrto.

Lida e aprovada a acta da sessão preparatória, Lourenço Peixoto, antes da leitura do relatório da Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores, faz diferentes considerações, declarando que o facto de não ser agora sindicato não é porque não tenha amor à causa operária, mas sim pela forma como fôra injustamente tratado no seu sindicato — o metalúrgico.

Declara igualmente que se a comissão resolvera distribuir o seu relatório em 1923 isso fôra devido à propaganda de sapa que se vinha fazendo contra a mesma comissão, criticando-se e sabotando-se até certas actividades que ela empregava. Depois de lamentar o sucedido e de manifestar a sua magua pela forma como procedeu a Comissão Organizadora da Conferência para com a Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores — em virtude da qual a Comissão Organizadora desfaz certos mal entendidos — Lourenço Peixoto lê o citado relatório, que disse ter sido distribuído por todos os sindicatos e militantes.

Pelo relatório verifica-se que a Comissão tem em seu poder um saldo de 476\$86, cujo destino está proposto no seguinte documento que apresenta:

«Atendendo que existe um saldo em poder desta Comissão, na importância de 476\$86, de cuja importância faz parte a quantia de 125\$00 de ações, que julgamos do nosso dever restituir aos possuidores de recibos provisórios — propomos que, deduzida esta quantia, o excedente seja distribuído, equitativamente, pelos presos por questões sociais e escolas da Construção Civil e do Centro Comunista».

Apresenta também outro documento, pelo qual a Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores depõe o seu mandato.

A requerimento de Inácio Martins, o relatório e documentos baixam à Comissão de pareceres.

A 2.ª sessão

A segunda sessão preside T. Vares Adão, secretariado por Filinto E. de Almeida e Alberto Tomé.

Entra em discussão, na especialidade, os Estatutos da Câmara Sindical.

Ao n.º 3, do artigo 2.º, Aníbal Dantas propõe que a palavra «Concelho» se acrescente e limítrofes.

«Propomos que, em virtude dos delegados a esta Conferência não estarem suficientes

cientemente habilitados pelos seus organismos a tratar em definitivo, da quota especificada na alínea a) do artigo 32, seja esta referida alínea aprovada em princípio, ficando pendente da assembleia geral à filial resolução».

A requerimento dos mesmos delegados gráficos é suspenso a sessão, que é reaberta pelas 23 e meia horas, segundo o projeto dos estatutos das Juntas, que é aprovado quase sem discussão.

E lida a tese de Joaquim do Carmo «A crise de trabalho nas minas de São Pedro da Cova — Seus factores determinantes e meios de a debelar», cujas conclusões são as seguintes:

1.º Que a Câmara Sindical do Trabalho do Pôrto procure que o horário de trabalho seja cumprido com rigor nas minas de carvão de São Pedro da Cova;

2.º Que procure obstar a que os mineiros trabalhem por empreitada;

3.º Que reclame, de quem de direito, que não sejam consentidos menores a trabalhar nas minas, senão nas seguintes condições:

a) Do sexo masculino, com desco de anos, para descer às minas, e quinze para os restantes serviços;

b) Não consentir que nenhum operário do sexo feminino possa trabalhar, seja em que serviço for, com idade inferior a 10 anos.

4.º Que procure ainda que aos filhos dos mineiros seja ministrada uma educação o mais racional possível.

5.º Tomar a seu cargo a reorganização do Sindicato dos Mineiros, em bases que correspondam às necessidades e métodos dos principais sindicais revolucionários;

6.º Realizar ordinariamente, todos os domingos, a partir da próxima primavera, sessões públicas, conferências, comícios, etc., no sentido de fazer interessar os mineiros no seu sindicato e desviá-los da taberna e do convívio pernicioso da religião.

Esta tese baixa, por proposta de Francisco Ferrão, à Câmara Sindical.

Adolfo de Freitas lê a sua tese — «A necessidade dum órgão operário no norte», que conclui por avultar para a comissão que tiver de dar-lhe execução, o seguinte:

1.º Levar ao Conselho uma proposta substancial na cotisação de \$50 por cada sindicado, por organismo aderente à C. S. T. e por uma só vez;

2.º Procurar realizar a «Semana do Operário», que será a efectivação em cada organismo sindical de uma velada social, cujo produto se destina prò-jornal;

3.º Iniciar uma subscrição voluntária, pelas oficinas, ateliérs, etc.;

4.º Emitir 5.000 ações de 250 para fundo de iniciativa do referido jornal.»

A Conferência Inter-sindical, por uma outra conclusão da dita tese, «reconhecendo a necessidade de criar no Pôrto um jornal que seja o órgão da futura C. S. T., ou por outra: do proletariado do norte do país, órgão de propaganda, crítica e doutrina sindical» — resolvem aprovar o presente trabalho e fazê-lo baixar ao futuro Conselho da C. S. T., para o pôr em execução.

N.º de B.

Um êxito inegualável

Continua atraindo a atenção geral a sensacional revista do Maria Vitória, o inegualável «Foot-Ball», que está atraindo uma multidão enorme em qué figura público de todas as classes. Não surprende a noite, desde o equilíbrio difícil até os lances gravíssimos que poderão envolver a capital, num círculo de fogo e fogo, d. qual, certamente, os responsáveis directores de todos os descalabros da administração pública, das perseguições e condenações de operários sem julgamento não devem sair ilisos.

Todas as violências têm em regra um desfecho fatal.

E esse desfecho é quase certo, inevitável, se os homens públicos não arriparem caminho.

Bem sabemos que o móvel dessa inaudita violência, era desfazer-se de *A Batalha*, o látigo implacável que turze tódas as patifarias da República.

Faltou é certo. Mas não deixamos de com seus redactores nos solidarizar e com elas protestar contra o infame assalto à sede da Confederação Geral do Trabalho.

A Môca de Campanilhas

«A Môca de Campanilhas» que sexta-feira, 15, sób' à scena no São Luís, é a primeira opéra de Pablo Luna que se canta em Lisboa e uma das suas melhores partituras. Para essa «prémière» que está despedindo vivo interesse, já se vendem bilhetes.

O assombroso Ivanoff

O entusiasmo mais delirante e a mais fulminante surpresa eis o que todas as noites acolhe o trabalho do formidável domador de leões Ivanoff, que no Coliseu dos Recreios tem feito o maior sucesso que já mais um domador alcançou.

A Nova Companhia de Circo, a que só o nome do famoso dominador de feras dava excepcional realce, tem àlém disso no seu elenco outras grandes notabilidades, como os fenomenais Luganos, que se apresentam num arriscadíssimo trabalho a grande altura e sem rede, os maravilhosos barbastreiros, os Artóns, os prodigiosos acrobatas à bascule! Artóns, Carletti, originalíssimo contortionista e muitos outros que compõem um espetáculo raro, emocionante e cheio de variedade.

No próximo quinta-feira, há «matinée».

Concertos Fão no Gimnásio

De audição para audição recrudecem o entusiasmo e o interesse do público pelos brilhantíssimos concertos sinfónicos que se estão realizando no Gimnásio. E o ilustre maestro Fernandes Fão animado por esse incentivo continua caprichando na preparação dos seus programas, tendo já organizado o seu 6.º concerto, e efectuar no domingo próximo, e que a verdadeiramente sensacional, como os nossos leitores têm ocasião de apreciar.

Na próxima quinta-feira, há «matinée».

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE

Nova Companhia de Circo

Sensacional trabalho do mais célebre domador do mundo

IVANOFF

com os seus terríveis e imponentes

Leões selvagens

Os números de grandioso êxito

Os Luganos — Os Antonis-Carletti — Os Artóns

Vendas

As maiores novidades

Quinta-feira: MATINÉE

DE

Julão Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E DE —

Júlio Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

Novidades literárias

TERRAS DE FOGO

DE —

Júlio Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

AGENDA

CALENDÁRIO DE JANEIRO

S.	11	18	25	HOJE O SOL
T.	12	19	26	Aparece às 7,55
Q.	13	20	27	Desaparece às 17,35
Q.	14	21	28	IAS DALU,
S.	15	22	29	L.C. dia 14 às 2,1
S.	16	23	30	Q.M. * 7 * 12,44
D.	17	24	31	L.N. * 14 * 19,10
D.	18	25	1	Q.C. * 20 * 11,8

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,00 e às 1,27

Baixamar às 6,30 e às 0,57

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid chequie	2578	
Paris, chequie	76	
Suica	3880	
Bruxelas chequie	89	
New-York	19560	
Amsterdão	7590	
Italia, chequie	79	
Brasil	295	
Praga	58	
Suecia, chequie	526	
Austria, chequie	2577	
Berlim	4588	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Carlos.—A's 21,30—Os Homens de Hoje, Velleno...—A's 21,30—A Tentação, Elísmo...—A's 21,15—Tia Andreia, Fipolo...—A's 21,15—A Taberna, São Luís.—A's 21,15—Montanhas e Canção do Olvido, Benedito...—A's 21,15—O Pão de Ló, Eder...—As 20,45 e 22,45—Funguá, Maria Vitoria...—A's 20,45 e 22,45—Foot-Balls, Coliseu...—A's 21—Grande companhia de circo, Salto dos...—A's 9,45—O Piroliot, Animador e Variades, Cinema Círculo Vicente (à Graça)—Espectáculos às 3,45, sábados e domingos com matinées, Teatro Leal—Todas as noites, Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terraço—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

80 a grande fábrica de Limas fabrica em grande escala em Portugal, fornecendo viseiras, limas, limas marca "Touro", da Empresa das Limas, rivalizando em preço com as melhores da Europa. Experimentos feitos, as nossas limas que são encontradas em venda em todos os bons estabelecimentos de ferragem do país.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATTA, do Conde Barão—Dúzia, \$40; 100, 25\$00 milheiro, 25\$00.

Largo do Conde Barão, 55

Grande desconto aos revendedores

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: I volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

e pediu-me um serviço, minha cara Brígida. Trata-se de ocultar em nossa casa, durante um ou dois dias, o sr. João, nosso hóspede desta noite; pareceu-me que o vão do teilhado seria um retiro seguro. Afastei por um momento seu irmão; acompanha o nosso hóspede lá acima, que eu fico aqui para esperar Josefino.

Brígida tomou a lâmpada que depuzera na mesa, e disse ao desconhecido, preparando-se para subir a escada:

—Vinde, senhor; o vosso segredo ficará entre mim e Cristiano; podeis contar com a nossa discreção.

—Não o duvido, minha senhora, respondeu o sr. João, em toda a minha vida nunca esqueceria a vossa generosa hospitalidade. Depois dirigindo-se para o ar-tista:

—Assim que vosso cunhado se tiver retirado, poderéis vir ter comigo? Desejava conversar alguns instantes.

—Irei procurar-vos, senhor, logo depois que Josefino se retire, respondeu Cristiano ao desconhecido que seguiu Brígida para o andar superior.

Assim que haviam subido Brígida e o desconhecido, ouviu-se na rua um grande ruído, produzido pela luta que sustentava uma pobre mulher, abraçada à cruz do meio da ponte, contra três senhores bêbados, que a queriam arrastar.

O primeiro movimento da artista foi de ir em socorro daquela cujos gritos se tornavam cada vez mais lastimosos; mas reflectindo que as mulheres honestas não se arriscam a sair a similares horas da suas casas, e receando sobretudo que, intervindo na contenção, se arriscaria a vêr invadida a sua casa, e comprometeria assim a segurança do seu hóspede, limitou-se a entreabrir a janela da sala baixa, e cí o que viu à luz de muitos arcos nos quais pegavam grande número de piões vestidos com ricas librás:

Tres senhores embriagados, que sem dúvida acorriam de sair da igreja orgia, rodeavam uma mulher, de quem Cristiano não pode distinguir o rosto; aqueles bêbados pretendiam arrastá-la com elas; ela

FATOS
completos e
sobretudos

em bom chevrole com bons furos e bom acabamento, para homens, desde... IMPERMEAVEL para homens com cinto e capuz.

149\$00

149\$00

245\$00

425\$00

380\$00

480\$00

139\$00

225\$00

Descontos para revenda
Para a província remetemos catálogos com amostras a quem pedir
170, Rua da Boa Vista, 172
Rua do Amparo, 36

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, cirurgia e patologias—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Dores nas urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Febre e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e as 8 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Lobo—2 horas.
Doentes dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—2 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—2 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—2 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Rosa—5 horas.
Ecole e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Câncer e radio—Dr. Cabral da Meio—horas.
Raio X—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beato—1 horas.

Auto protector para evitar a infecção
de todas as doenças venéreas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usado:

IMPOTÉNCIA
Comprimidos de cloridrato de yohimbina químicamente pura
do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem efeitos secundários. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de iantíssimas substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Numerosas confirmações individuais e atestadas, assim como efectivas anotações.

Envia-se oculto — Preço: 17500; pelo correio, 18500

E' vendido no Agente e Depositário geral para Portugal e Colônias:
170, Rua da Boa Vista, 172
Rua do Amparo, 36

Fernando da Silva
188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:
A VENDA SÓ NESTAS CASAS:
EM LISBOA—Farmácia MENDES BRAGA, 153, Rua do Mundo, 155—Farmácia
PORTUGAL, Lda.—Rua Augusta, 215
NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 21 de Janeiro, 203

Auto protector para evitar a infecção
de todas as doenças venéreas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usado:

remédio alemão comprovado e garantido usado por 1012 as pessoas que não querem apontar estas doenças.
Cada bisnaga conta com 15 grama de uso curta em Lisboa, 7500, e com caixinha de alumínio. Esc. \$80. Para a província mais 1010 de despesa. Envio a cobrança, pelo correio.

3 MARCHE CUNHA Rua da Escola Politécnica, 16 e 18, LISBOA—Telefones Norte 4303.

Guerra aos chapéus concertados

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Marta
CLÍNICA MÉDICA
Consultório:—Travessa Nova de S. Domingos,
e a Rua do Amparo, 17 (ao Lado do Correio)

Residência:—Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lado do Correio)

"HERPETOL"
— Dá um (— Alívio instantâneo

Modelos chics

Sapatos para homem a 20\$00

Mais de 1000 chapéus de variados formatos e cores, acabados de receber para venda ao público por conta do fabricante

OCASIÃO ÚNICA!
No Armazém de Chapéus e Lanifícios
R. dos Fanqueiros, 400.1.º
(Junta à Rua do Palmeiro)

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%,
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora desde... 55\$00
Camurça a... 75\$00
A' inglesa a... 75\$00

Só vende a Sapataria Camoneana
Rua Conde Redondo, I-A, 1-B

Bravamente grande saldo a preços da fábrica

Calçado barato
Modelos chics

Sapatos para senhora desde... 55\$00
Camurça a... 75\$00
A' inglesa a... 75\$00

Só vende a Sapataria Camoneana
Rua Conde Redondo, I-A, 1-B

Bravamente grande saldo a preços da fábrica

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELOSP

PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Matar-me-eis antes de chegar a elas; exclamou o

trade repelindo vigorosamente o marquês

Este, entorpecido pela embriaguez, estrebuchou

praguejando e blasfemando, enquanto frei S. Ernesto

Mártir, precipitando-se para o pé da viúva, sempre

agarrada à cruz, fez-lhe um baluarte com o seu corpo,

cruzou os braços no peito e desafiando com o olhar os senhores, disse-lhes:

—Avançai... Só se me matardes primeiro é que

tocareis nesta mulher.

—Insolente rato de convento! ousas ameaçar-nos,

levantar a mão sobre mim! exclamou furioso o coronel bispo, ainda pouco firme nas pernas; e, sacando a

espada da bainha, tomou-a com as duas mãos, e bateu

trô violentamente com o pesado punho na fronte do

frete, que este tremeu, experimentou em vão seguir-

-se à cruz, caiu aos p

A BATALHA

O Chefe do Estado prometeu à Federação do Livro e do Jornal o breve regresso dos deportados

A GREVE DOS FERROVIÁRIOS DE LOURENÇO MARQUES

Alguns pormenores inéditos do grandioso movimento — Um encontro sangrento entre um grupo de mulheres e a tropa de que saiu morto um soldado — O embarque dos deportados e os receios do Alto Comissário

A greve ferroviária de Lourenço Marques, conhecida através das tendenciosas informações das agências telegráficas, ainda é ignorada em muitos dos seus principais pormenores. E é ignorada porque assim convém ao alto comissário de Moçambique, porque assim aproveita às autoridades daquela província. Para que a obra destes funcionários seja tornada pública, para que se conheça até onde chegou a sua infâmia vamos inserir duas cartas que ontem recebemos de Lourenço Marques, que são por si dois formidáveis libelos contra o sr. Azevedo Coutinho e seus satélites. — Eis-las:

Lourenço Marques, 22 de Dezembro de 1925. — Os ferroviários estão actualmente empenhados numa luta de vida ou de morte. Do seu resultado dependerá um futuro mais risonho se triunfarem, ou uma situação terível se perderem. Os governantes, para esmagarem os heroicos lutadores, têm lançado mão de todas as violências, assaltando as casas particulares, por mera desconfiança de que lá se encontram ferroviários refugiados, prendendo a torto e a direito sem respeito pelas vidas ou pelas leis.

A Casa dos Trabalhadores, onde estavam instaladas a redacção, administração e tipografia do semanário *O Emancipador*, foi assaltada e saqueada pelos vândalos. Depois como se encontrassem em país conquistado, os militares instalaram ali uma caserna.

As prisões estão cheias de ferroviários grevistas pelo crime de não quererem trabalhar, e o célebre vagão-fantasma já foi posto em execução com quatro camaraçadas nosso no meio de quatro assassinos fardados indígenas e um branco de espingarda apurada para que ao mais leve movimento feito por estes os possam matar.

A direcção dos Caminhos de Ferro tem feito publicar uma série de «ordens» de serviço. Pela primeira eram demitidos os operários assalariados; pela segunda o governo mobilizava os maquinistas de tração e electricidade, a fim de que estes no prazo de quarenta e oito horas fizessem a sua apresentação no quartel-general; pela terceira a direcção novamente demitia todo o pessoal do quadro, extinguindo-o assim.

A toda esta grande fantochada, só própria de almas tresloucadas, nós, ferroviários, temos sabido responder altivamente com entusiasmadas vidas à greve. De tudo elas têm jogado mão para levarem o peso ao serviço.

As mulheres em face de tódas estas injustiças, verdadeiramente indignadas, saíram para a rua com bandeiras pretas e foram ao alto comissário protestar contra a existência do vagão fantasma.

Pelo caminho houve um encontro com o esquadro de dragões o qual queria impedir essa tão nobre e justa manifestação de protesto. Resultado: pedradas e tiros, resultando-se a morte dum soldado.

* * *

Sabeis porque a greve foi declarada? Por que aparecendo aqui há um ano um novo director, este entregou-se de alma e coração à triste tarefa de fazer destruir as poucas regalias que nos restavam, a título de economias, regalias estas que têm sido conquistadas à força de muito sangue. Essa alma negra com coração de Nero chama Avelar Ruas o qual tomou a direcção dos caminhos de ferro de assalto e, julgando-se em terreno conquistado, tratou de cercar regalias aquelas que o maior crime que têm praticado em tóda a sua vida de escravos produtores, é trabalhar de noite e dia para lhes encher os cofres pe oiro.

Encontrou este reacionário um auxiliar que o tem ajudado em tóda esta odiosa obra de destruição. Quereis saber proposito quem é semelhante fera? É o sr. Teixeira Cabral, chefe de tração e oficinas, esse apontador geral da celebre Exposição do Rio de Janeiro.

Pretendiam estes tartufos impingir uma reorganização dos serviços que é uma perfeita monstruosidade. Foi este o rastilho, apesar de não haver preparação alguma entre o pessoal, que fez com que ele se unisse como um só homem ao primeiro toque de clarim.

Numa grande reunião foi proclamada a greve a 11 de Novembro e resolvido que paralisassem todos os serviços. Passados 45 dias ela prosseguiu com o ardor do primeiro dia, palpitando em cada ferroviário um grande anseio de vida.

Os operários metalúrgicos, neste momento difícil, não devem aceitar contratos para os caminhos de ferro a-fim-dos grevistas não serem substituídos.

Com um forte amplexo vão as saídas efusivas para os trabalhadores da Metrópole.

João Pedro Marreiros Júnior
Operário caldeireiro de ferro
dos caminhos de ferro
de Lourenço Marques

D. embarque dos deportados fez-se com o mais caricato aparato bélico

A carta que vai lêr-se é de autoria do nosso sócio correspondente de Lourenço Marques. Por ela conhacerão os leitores como foi feito o embarque dos deportados para a Metrópole, o que nos habilita a afirmar que as autoridades estavam tão convictas de ser criminoso o seu gesto que não tiveram outro recurso, senão o de procederem ao embarque com o mais caricato dos aparelhos bélicos. Eis a carta:

Lourenço Marques, Dezembro de 1925. — Saí ontem às 17 horas o Lourenço Marques levando a bordo, deportados pelo Alto Comissário sr. Azevedo Coutinho, os ferroviários de nomes Luis Zeferino, Fer-

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A crise de trabalho na Alemanha é bastante grave

A Alemanha está atravessando presentemente uma grave crise que ameaça ser demorada e de difícil solução.

A falta de trabalho intensifica-se ali com uma grande rapidez, não tardando muito que o número de «chômeurs» atinja a importante cifra do ano passado.

Exceptuando a indústria da lignite, da potassa e dos produtos químicos, as indústrias mais importantes da Alemanha estão sendo afectadas por esta crise.

Nas minas do Ruhr, a-pesar-do despedimento de 120.000 mineiros não foi possível aumentar a venda do carvão por causa da concorrência inglesa.

A firma «Hannoversche Maschinenbau» empregando 3.500 operários, fechou as suas portas, porque aqueles recusaram uma redução de 10 a 15 pfennigs por hora.

A lei do imposto sobre o tabaco criou também uma situação desastrosa aos 26.000 operários dos tabacos, dos quais 12.000 estavam a trabalhar com tempo reduzido e os restantes foram despedidos.

A miséria enorme impõe os sem-trabalho para a rua, tendo já havido algumas cidades grandes manifestações.

Em Sprockhofen, os mineiros impediram que fosse fechada a mina «Altahaus», tendo o sítio tocado a rebate, quando ali chegaram os representantes do sindicato de carvão, e toda a população não permitiu que a comissão de inquérito fizesse o seu trabalho.

Para resolver esta crise medonha o Estado e o patronato da Alemanha não encontram senão os seguintes remédios: encerramento das fábricas, trabalho a tempo reduzido, redução de salários, jornadas de trabalho prolongadas.

Em suma, procuram eles estupidamente ainda reduzir mais o poder de compra dos trabalhadores, contribuindo deste modo para o agravamento da actual crise, que, inutilmente, pretendem resolver sem tocar nas bases fundamentais do sistema capitalista.

A «chômage» na Tchecoslováquia

Deve haver presentemente na Tchecoslováquia 100.000 operários sem trabalho. Segundo a última estatística, feita em março de 1925, havia naquele país 72.000 «chômeurs», mas sem se contar com os que não tinham recorrido ao subsídio do Estado, e que são em grande número.

Em virtude da falta de trabalho o povo tcheco procura emigrar a fim de fugir à miséria que sobre ele paira.

Antes da guerra emigravam anualmente 50.000 pessoas da Tchecoslováquia, mas após a guerra verificou-se o contrário. Os emigrados julgavam que na pátria libertada havia uma vida nova, e por isso nos dois anos, que se seguiram à revolução, voltaram ao seu país 100.000 pessoas sobretudo de Viena e da América do Norte.

Mas em 1921, a emigração recomeçou em quantidade superior ao que era antes da guerra, e teria ainda aumentado, se os Estados Unidos não tivessem limitado a afluência de imigrantes.

E' preciso que a classe operária vá observando estas atitudes. Os trabalhadores ferroviários, depois de terem sido despedidos, prenderam-nos e andam com elas à frente dos comboios que conseguem efectuar.

A tripulação do «Gil Eanes» está sendo empregada em fura a greve e consta que vêm ao mais 3 vasos de guerra.

E' pena que os marinheiros se dediquem a estes baixos papéis.

Se o sr. ministro das Colónias não manda pôr termo a estas injustiças; se o sr. ministro das Colónias não manda regressar a Lisboa todos os responsáveis desta situação criminosa, a população terá que se lançar num movimento para a conquista da sua independência. A província está farta de deportações e de vexames!

O maior crime dos senhores da situação, está em ter comprado quase todos os jorna- nais e, como nem todos estavam na disposição de defender os seus actos indignos e ilegais, mandou o tal revolucionário das dúzias, Bartolomeu Sevandiá que andava no Porto com as botas esfoladas e as calças rotas, convidar os maiores renientes a que calxasse o governo.

O «Emancipador» está suspenso porque a tropa assaulta a Casa dos Trabalhadores, partiu, escangalhou e aquartelou-se ali juntando aquilo alguma cocheira.

Se a união dos trabalhadores portugueses não vier em defesa dos ferroviários de Lourenço Marques, poderéis crer que eles serão esmagados contra todas as formas do Direito e da Justiça.

São os poltronas e cobardes contra a união e solidariedade dos ferroviários de Lourenço Marques.

Camaradas! Protestai ai contra esta escravatura branca! Protestai ai contra a forma de derrota a classe pela força das armas! — C.

Secção Telegráfica

Federações

VINÍCOLA

Sindicato dos Tanoeiros de Gaia. — Segue jornal no comboio da noite. Por estes dias segue expediente.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Évora. — Recebemos ofício credencial para delegado. Vamos tratar do expediente e escrever.

Faro. — Idem.

Vendas Novas. — Idem.

Barreiro. — Mandem delegados à reunião do conselho.

Almada. — Idem.

Aljustrel. — Mandem a credencial para vosso delegado.

Lisboa. — José Rosa, R. Curado e Mário Dias. — Compareçam à reunião do conselho federal de hoje, pois já estão acreditados.

Coimbra. — A. M. Alcada. — Escrivê sobre a vida actual desse núcleo para Belém e díz a tua morada.

Incêndio num automóvel

Anteontem, pelas 21 horas, declarou-se incêndio no carburador do automóvel nº 3334, na rua das Flores, junto à porta nº 77, o qual foi extinto pelo próprio chafueir Alfredo Rodrigues, auxiliado pelos bombeiros voluntários da 1.ª secção.

A RENOVADA VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

INTERESSES DE CLASSE

As dissensões intestinas no Sindicato de Vidraça de Marinha Grande são a causa do seu enfraquecimento

O Sindicato de Vidraça de Marinha Grande, que orgulhosamente regista no seu activo únicamente glórias, está actualmente decadente. Uma luta interna, que ameaça agravar-se, vai dando causa ao seu desaparecimento. Sem mais largo exordio, explicaremos a origem dessa luta.

A manipulação da vidraça é um mistério que passa as pessoas que têm visto a sua execução são unâmnies em afirmar que esse trabalho não deve ser feito por homens.

Depois do vidro estar em cilindro há uns operários que se encarregam de o transformar em chapas, aquela que se destina às janelas, às portas e mais coisas. Chamam-se a estes operários estendentes. Esta profissão está na mesma regra de retribuição.

Vamos agora ver se conseguimos aclarar a questão, e mostrar a verdade, analisando o caso sem *parti-pris*; para que não digam que estamos fazendo algum frete e outros que estamos a apreciar o assunto com uma pontinha de parcialismo.

A manipulação, a estendagem e o corte da vidraça são feitos sob o regime da empreitada.

A manipulação é onde se dispõe maior esforço. Ora como todas as coisas, nós entendemos que para reinar a harmonia é necessário atender primeiramente à regra das proporções.

Diremos, primeiro, que não é justo que tenha maior retribuição aquele homem que recita tais emissões do que daqueloutro que das entrinhas da terra extraí a preciosa pulha.

Para todos os mistérios deve haver um equilíbrio de despendo, para que seja conformado a regra das regalias. Numa sociedade livre, o homem que funde os metais deve trabalhar menos tempo do que aquetouro que se encarregue das entregas dos objectos. Porém, como estamos em regime capitalista, e consequentemente sujeitos à lei dos salários temos por enquanto que admitir que aquele que tem um trabalho perdidamente, deve ter uma retribuição material, em conformidade com a diferença dos despendos físicos.

Esta diferença fisicamente falando existe, entre os manipuladores e os estendentes. O trabalho do estendedor é relativamente fácil, tendo só que chegar os representantes do sindicato de vidraça e, tendo o sítio tocado a rebate, quando ali chegaram os representantes do sindicato de vidraça, e toda a população não permitiu que a comissão de inquérito fizesse o seu trabalho.

Para todos os mistérios deve haver um equilíbrio de despendo, para que seja conformado a regra das regalias. Numa sociedade livre, o homem que funde os metais deve trabalhar menos tempo do que aquetouro que se encarregue das entregas dos objectos. Porém, como estamos em regime capitalista, e consequentemente sujeitos à lei dos salários temos por enquanto que admitir que aquele que tem um trabalho perdidamente, deve ter uma retribuição material, em conformidade com a diferença dos despendos físicos.

Daqui parte tóda a discordia que intensamente lava no seio da classe.

E com franqueza, embora a nossa missão agora seja ingrata em demasia entendermos que aos manipuladores assiste um pouco de razão.

Todavia, esta questão pode e deve mesmo ser tratada à boa paz, pois que da desordem é raro alguém aproveitar. Não é preciso desmantelar o Sindicato de Vidraça, que agrupa estas secções. É necessário, todavia, que da parte dos reclamantes haja mais ponderação, e que não seja tratado o assunto como uma vingança cruel, e da parte dos estendentes, uma certa doze de tolerância, para não dizer consciente, porque admitem que aquele que tem um trabalho perdidamente, deve ter uma retribuição material, em conformidade com a diferença dos despendos físicos.

Antes da guerra emigravam anualmente 50.000 pessoas da Tchecoslováquia, mas após a guerra verificou-se o contrário. Os emigrados julgavam que na pátria libertada havia uma vida nova, e por isso nos dois anos, que se seguiram à revolução, voltaram ao seu país 100.000 pessoas sobretudo de Viena e da América do Norte.

Mas em 1921, a emigração recomeçou em quantidade superior ao que era antes da guerra, e teria ainda aumentado, se os Estados Unidos não tivessem limitado a afluência de imigrantes.

E' preciso que a classe operária vá observando estas atitudes. Os trabalhadores ferroviários, depois de terem sido despedidos, prenderam-nos e andam com elas à frente dos comboios que conseguem efectuar.

O sr. Joaquim Guarda não consentia. A assembleia não as atendia, porque o sr. Joaquim Guarda não consentia. Muitas vezes aconteceu eu vir à estacada em defesa das mesmas. De nada me valia. Acabava a discussão, eu era atacado pelo mesmo senhor e tratado como se fosse um répido. Ainda há bem pouco tempo, a quando do meu pedido de licença por seis meses, um camarada estendedor encareceu a necessidade de me expulsarem do Sindicato, dizendo: «embora particularmente que eu era um elemento perigoso que não convinha à classe. Mas como quem semelhantes colhe tempestades, os mesmos que me atacaram gritam e barafustam, sem saberem de onde lhes vem o ataque tão traquiceira.»

O sr. Joaquim Guarda foi quem levou à assembleia a proposta do aumento de salário. Não assisti, mas segundo as informações que tem, a prática que tenho, estou a ver o que isso foi.

Este senhor, ao que parece, nem consultou ninguém e traçou rapidamente a proposta em assembleia.

Mas fê-lo da seguinte forma: disse que queria 50% de aumento, mas que não era nada para os estendedores! Eles não devem ganhar mais! Ora, com franqueza, só um benemerito podia largar semelhante cousa! Não é assim que as coisas se tramam. Estes procedimentos revelam o grande amor que se tem pelo Sindicato, e o estôlo moral de quem calunia sem razão.

De resto eu acho que nada temos a preocupar-nos com o passado, pois que é de nenhos vale, enquanto que o futuro deve merecer-nos toda a atenção, deve preocar-nos mesmo.

<p